

Professor Dr. ISAAC A. CAMARGO



Obras Milionárias e o Mercado de Arte.

Expediente:

Revista: Reflexões sobre Arte Visual

Publicação Atual e Anteriores:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

Editor/Autor: Professor Doutor *Isaac A. Camargo*

Dados sobre o autor – Plataforma Lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790878E4>

Projeto de Ensino: Resolução N.476 – CAS/FAAALC/UFMS, 09/08/21

Edição:

v. 2 n.18 setembro 2021

Periodicidade: quinzenal

Capa: Cifrões.

APRESENTAÇÃO

*A revista **Reflexões sobre Arte Visual** tem por finalidade discorrer à respeito de obras de Arte, períodos, artistas, situações e acontecimentos no intuito de difundir conteúdos neste campo do conhecimento a partir de meus projetos e proposições de ensino e produção artística.*

Os temas escolhidos para os artigos dizem respeito a Arte Visual como um fenômeno cultural e suas relações com o contexto social.

Os conteúdos aqui publicados tem a finalidade de difundir conhecimentos no campo da Arte Visual sob o ponto de vista do autor.

É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos desde que citada a fonte.

O acesso é público e gratuito.

Esta publicação é informativa e não tem qualquer finalidade comercial.

Qualquer pessoa ou instituição que se sentir prejudicada em relação aos conteúdos, informações e imagens aqui apresentadas, devem entrar em contato: isaac_camargo@hotmail.com

Volta e meia surgem notícias na mídia de comunicação dizendo que uma ou outra Obra de Arte foi vendida por Milhões, em geral se referem ao mercado de Arte Visual. Pensa-se em Quadros ou Pinturas e menos em outras modalidades de criação. É difícil entender o motivo que leva algumas obras a atingirem valores altíssimos sabendo que muitos artistas têm dificuldade de sobreviver da venda de suas obras. Uma das últimas notícias foi a possibilidade da venda da Mona Lisa para equilibrar as dívidas da França, especialmente, pós COVID 19.

Para se ter uma ideia disso, o valor estimado para a venda da Mona Lisa, se ocorresse, seria em torno de cinquenta Bilhões de Euros. Se convertermos ao pobre Real, ficaria em torno de uns trezentos bilhões de reais. Valor extra-ultra-hiper-astronômico. Por enquanto é uma ideia, não se sabe se vai adiante ou não. Entretanto, já se pensa também na constituição de um fundo de investimento que teria como fonte a própria obra. É como se investisse em ações só que, ao invés de uma empresa a fonte seria uma Obra de Arte.

A ideia de um fundo se caracteriza como Fundo de Investimentos, figura econômica do mercado financeiro que funciona como uma espécie de “consórcio” de investidores que adquirem “cotas” de produtos: bens, indústria, ações, moedas e neste caso: Obras de Arte. Este tipo de “investimento” já existe. Como podem ter lido na edição de Reflexões V2. N.15, sobre o Picasso Queimado e as NFTs, na qual descrevi o processo mais recente de investimento criado no mundo digital e que está “invadindo” o campo da Arte Visual.



A primeira “vítima” deste processo de “Fundo de Investimento” foi a obra de Pablo Picasso; “*Fillette au béret*”, 1964.

Vendida pela última vez por 2,48 milhões de dólares pela casa de leilões Uppsala Auktionskammare em 2016. Agora “Tokenizada” por meio de NFT abrindo a possibilidade para vários investidores adquirirem cotas, a partir de 6.000 dólares, mas que não terão a posse da obra que permanecerá protegida pelo Sygnum, banco suíço focado em ativos digitais. Desta vez o Picasso não foi queimado.

No Mercado de Arte o valor de uma Obra de Arte pode ser definido por fatores materiais e imateriais. Pode-se dizer que os fatores materiais se relacionam aos elementos e recursos usados para elaborar uma pintura, desenho, escultura, gravura, fotografia, videografia, instalações ou qualquer outra manifestação estética. Já os imateriais se referem às habilidades, personalidade, notoriedade, história, raridade, cultura entre outros não tangíveis e que caracterizam ou fazem parte da existência de uma obra ou período, entre eles: a especulação financeira.

Muitos artistas precificam suas obras a partir do material, tempo dedicado e demais custos vinculados à produção, montagem e apresentação. Nesse processo muitos deles estabelecem uma razão de cálculo que multiplica por dois, três ou quatro o valor dispendido na elaboração. Assim chegam a um valor que justifica sua produção e subvenciona sua continuidade. Isto é muito semelhante a um empresário que define o custo de produção e venda de bens e serviços para obter ganhos, manter suas atividades e expandi-la.

Contudo a questão que mobiliza os altos investimentos em Obras de Arte não é a aritmética entre o custo da produção e valor de venda, nem o amor pela Arte ou pela cultura, mas sim o ganho gerado pela especulação financeira. Nesse campo o que o mercado faz é transformar algumas Obras de Arte em *Ativos Financeiros*, para especular e ganhar com isto. Grandes galeristas, marchands e principalmente as grandes casas de leilões como a Sotheby's inglesa e a Christie's americana, conseguem alavancar altos valores em seus leilões.

Nesse campo fala-se em mercado primário e secundário. O primário se configura como a primeira inserção da obra no mercado por meio da venda entre o produtor e um comprador seja ele um apreciador, galerista, marchand ou colecionador. É o primeiro momento em que a obra passa a existir no mercado, a partir daí o artista transfere sua posse e não tem mais o direito patrimonial sobre ela. O secundário se constitui das transações nas quais o artista já não participa. A venda é realizada por quem tem a posse, propriedade ou domínio da obra, um colecionador, por exemplo.

O mercado secundário é amplo, inclui tanto as galerias que têm acervo próprio, adquirido ou consignado de artistas representados ou de terceiros para comercialização; inclui marchands que representam artistas ou colecionadores e, por fim, a ponta mais lucrativa desta segunda instância que são as casas leiloeiras. Estas, geralmente, não possuem nem investem em obras, mas representam seus possuidores e ganham no processo de vendas comissionadas em leilões por meio de lances crescentes.

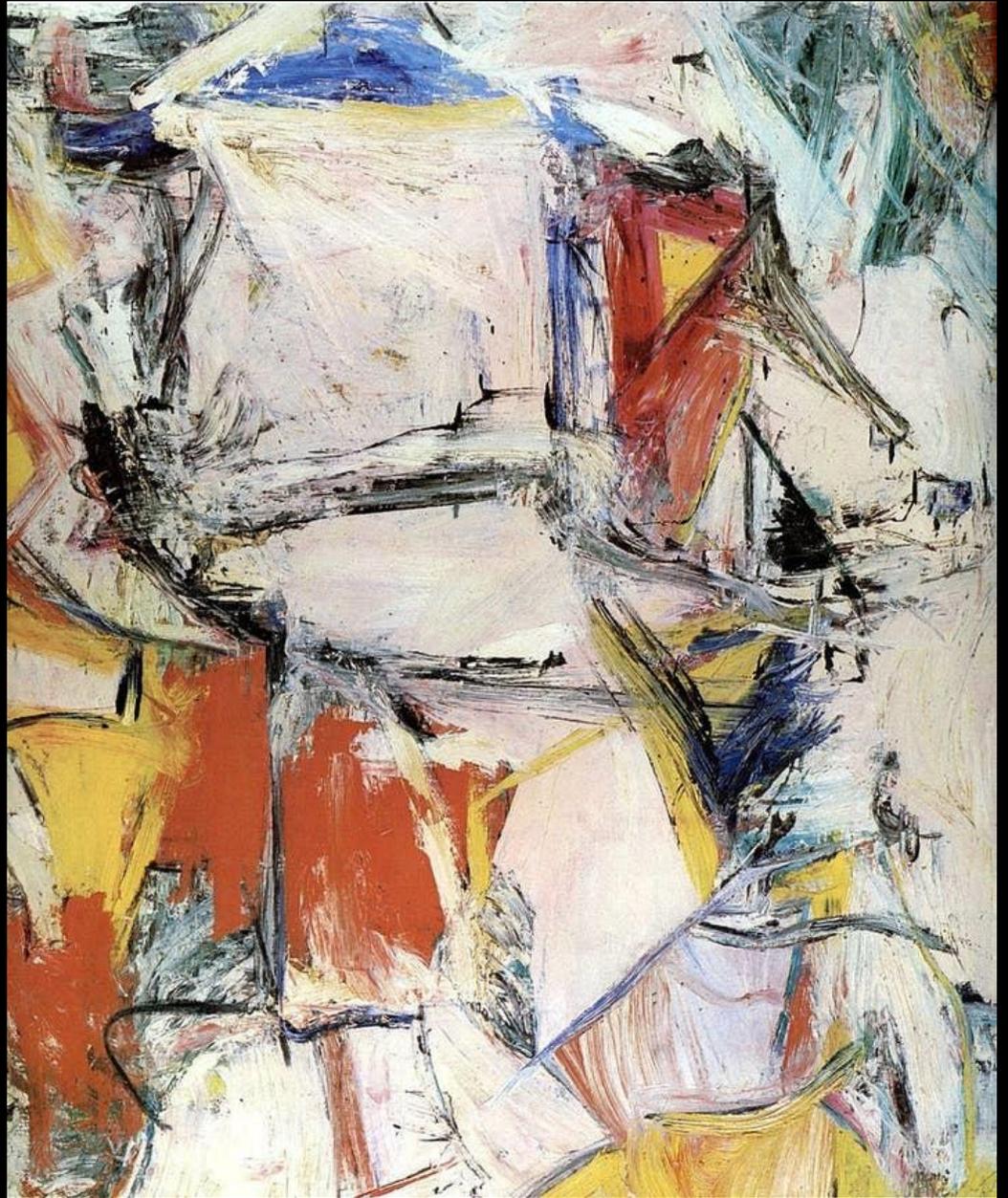
Geralmente é no mercado secundário que as obras atingem valores astronômicos e não no primário. Não se pode negar que há casos de artistas ou galeristas que conseguem obter ganhos fabulosos no mercado primário, mas este fenômeno é menos comum e dependente de fatores prévios, como reconhecimento, valor histórico, estético ou ainda a fama e celebridade da obra ou do artista. Portanto, é comum que o mercado secundário gere notícias milionárias.

US\$ 450.000.000,00 (quatrocentos e cinquenta milhões de dólares), foi o valor pago, em 2017, pela obra “*Salvator Mundi*” de Leonardo da Vinci. Produzida por volta de 1500, medindo 45,4 X 65,6 cm. leiloadada em NY pela Casa Christie’s.

Haviam dúvidas se a obra teria sido mesmo feita por Da Vinci, recentemente restaurada e reconhecida a autoria, foi vendida para um príncipe saudita que, segundo fontes não confiáveis, a mantém na decoração de seu iate.



Há de se convir que uma obra de Leonardo Da Vinci justificaria o preço alcançado pois reúne valores históricos, estéticos e conceituais suficientes para amparar tal aquisição. Por outro lado, a obra “Interchange”, de 1995, produzida por Willen de Kooning, artista moderno falecido em 1997, justificaria o valor de US\$ 300.000.000,00 (trezentos milhões de dólares) pago por ela, “apenas” 150 milhões abaixo de Da Vinci?



O mesmo valor US\$ 300.000.000,00 (trezentos milhões de dólares), foi pago pela obra “Quando você vai se casar”, de 1892, realizada por Paul Gauguin no início do século XX. O que motiva os compradores a investirem valores tão altos assim em obras tão recentes e de artistas modernos ou atuais é o valor de retorno por meio de revendas ou leilões. Isto não fica por aqui, várias obras alcançam valores semelhantes. As obras preferenciais são, em geral, modernas já que há maior disponibilidade delas no mercado.

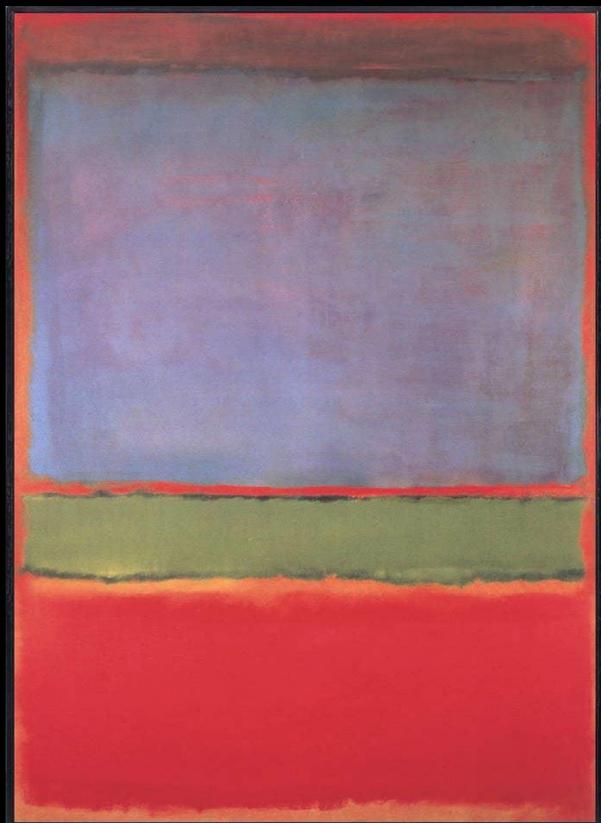


US\$
272.000.000,00
(duzentos e
setenta e dois
milhões de
dólares), foi o
valor pago pela
obra “Os
jogadores de
cartas”, 1893,
de Paul
Cézanne.





US\$ 200.000.000,00 (Duzentos milhões de dólares), foi o valor pago pela obra “Number 17 A”, 1948, de Jackson Pollock.



US\$ 186.000.000,00 (cento e oitenta e seis milhões de dólares), foi o valor pago pela obras “N. 6 – violeta, verde e vermelho”, 1951, de Mark Rothko.

US\$ 180.000.000,00 (cento e oitenta milhões de dólares), foi o valor pago pelos retratos de Maerten Soolmans e Oopien Coppit, de 1634, de Rembrandt.





US\$ 179.000.000,00 (cento e setenta e nove milhões de dólares), foi o valor pago pela obra “As mulheres de Argel” (versão 0) de 1950, de Pablo Picasso, uma “releitura” da obra “Mulheres de Argel” de Eugène Delacroix, de 1834, Vrendida em leilão da Christie´s de NY. Picasso tem aparecido frequentemente como recordista nas listas de obras mais caras vendidas nos últimos anos.

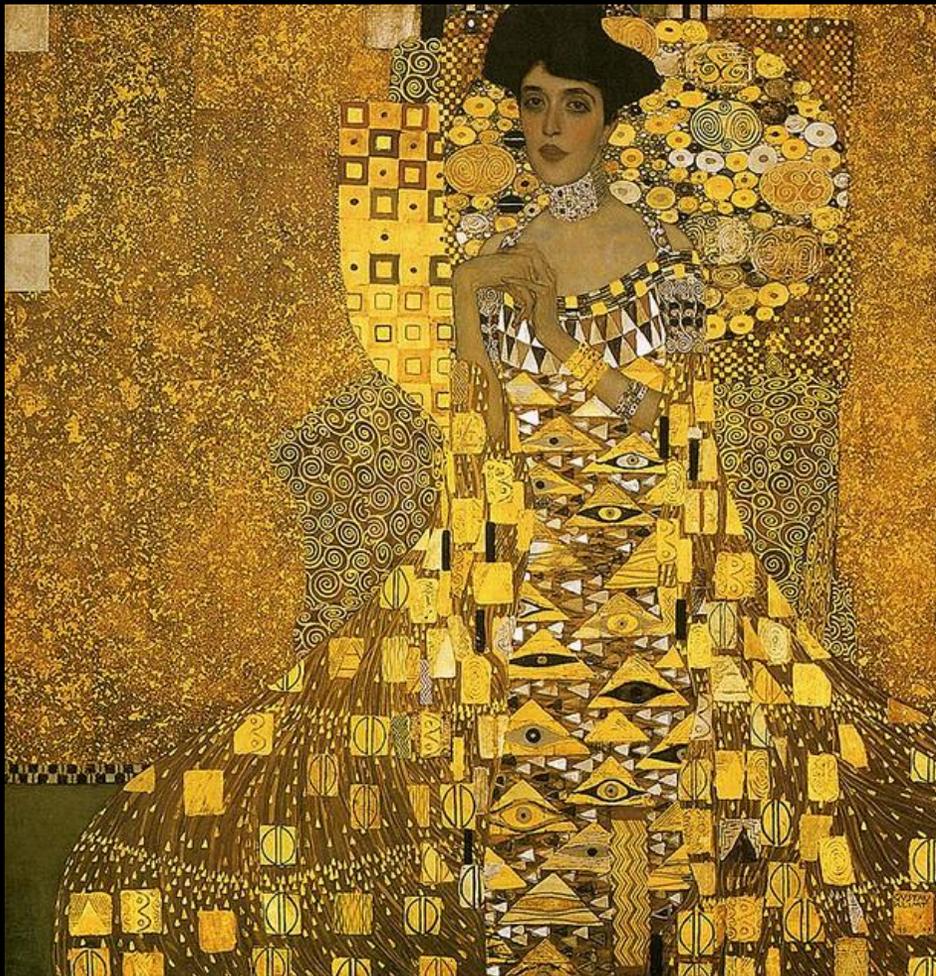
US\$ 170.004.000,00 (Cento e setenta milhões e quatro mil dólares), foi o valor pago pela obra “Nu deitado”, 1917, de Amadeo Modigliani. Leilado pela Christie’s de NY em 2015.



© picture-alliance/AP Photo

US\$ 142.004.000,00 (cento e quarenta e dois milhões e 4 mil dólares), foi o valor pago pela obra “Três estudos de Lucian Freud”, 1969, de Francis Bacon. Leiloado em 2013 pela Christie’s de NY.





US\$ 135.000.000,00 (Cento e trinta e cinco milhões de dólares), foi o valor pago pela obra "Adele Bloch-Bauer I", 1907, de Gustav Klimt. Venda organizada em 2006 pela Christie's para uma galeria de NY, onde está exposta.



US\$ 119.009.000,00 (cento e dezenove milhões e nove mil dólares), foi o valor pago pela versão em pastel da obra "O Grito", 1895, de Edvard Munch. Foi leiloadada em 2012, pela Sotheby's de NY.



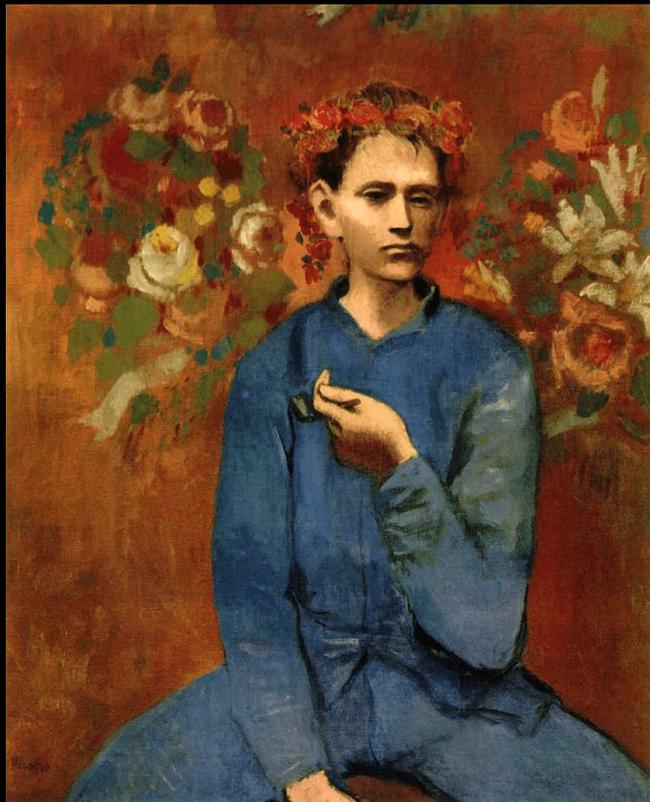
US\$ 110.007.000,00 (cento de dez milhões e sete mil dólares), foi o valor pago pela pintura "Meules", 1890, de Claude Monet. A obra foi leiloadada em 2019 pela Shoteby's de NY. O maior valor alcançado por uma obra Impressionista no mercado.



US\$ 106.006.000,00 (cento e seis milhões e seis mil dólares), foi o valor pago pela obra "Nu com folhas verdes e busto", 1932, de Pablo Picasso. Leiloadada em 2001 pela Christie's de NY.

US\$ 105.004.000,00 (cento e cinco milhões e quatro mil dólares), foi o valor pago pela obra “Acidente com carro prata”, 1963, Andy Warhol. Leiloadada pela Sotheby’s de NY em 2013.





US\$ 104.002.000,00 (cento e quatro milhões e dois mil dólares) foi o valor pago pela obra "Rapaz com cachimbo", 1905, de Pablo Picasso. Leiloadada em 2004 pela Sotheby's de NY.



US\$ 141.003.000,00 (cento e quarenta e um milhões e três mil dólares), foi o valor pago pela obra "Homem apontando", de Alberto Giacometti. Leiloadada pela Christie's, NY, em 2015.



US\$ 103.007.000,00 (Cento e três milhões e sete mil dólares), foi o valor pago pela obra "Homem caminhando", 1960, de Alberto Giacometti. Leiloadada em 2010 pela Sotheby's.

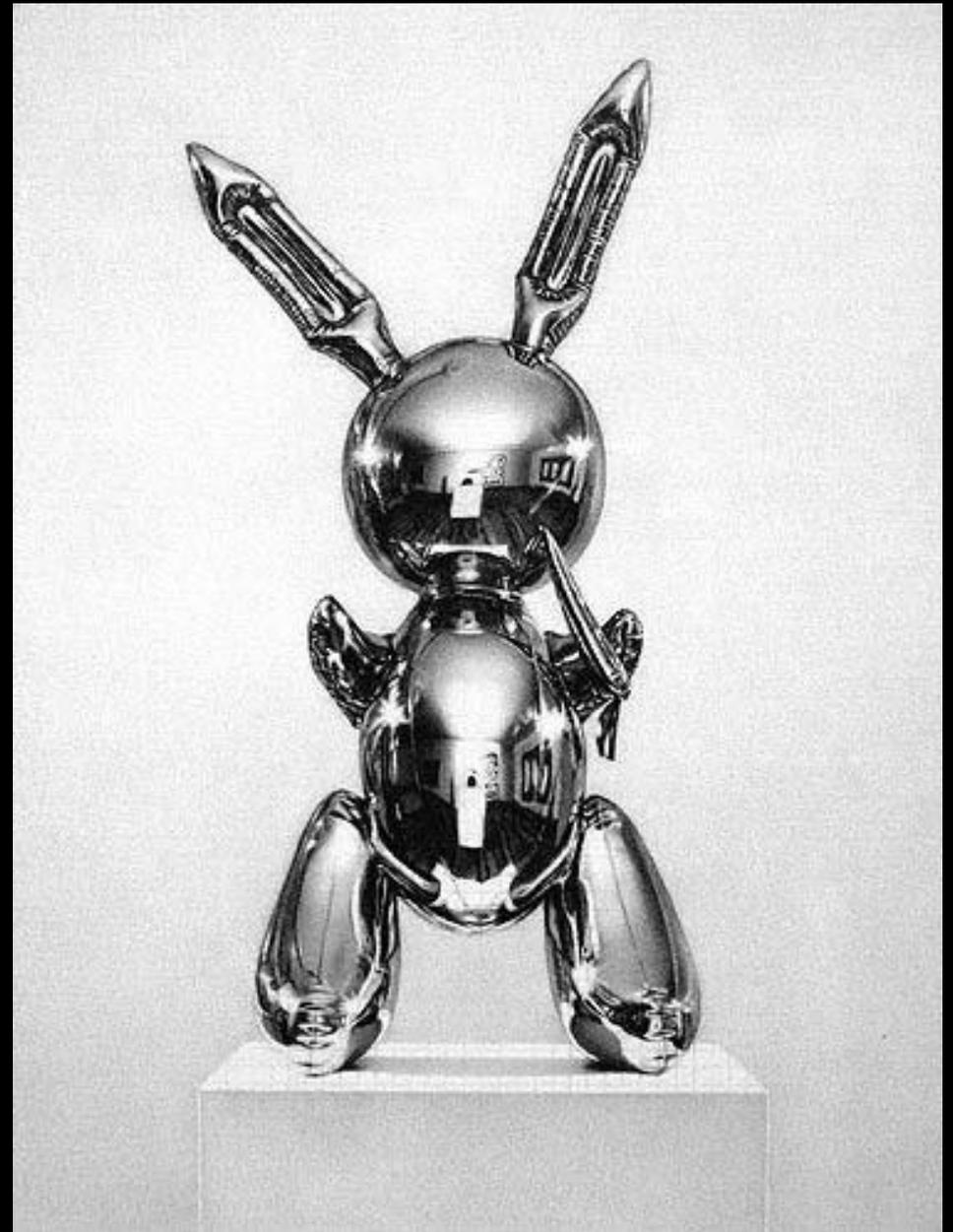
US\$ 95.037.000,00 (noventa e cinco milhões e trinta e sete mil dólares), foi o valor pago pela obra “Nurse”, 1964, de Roy Lichtenstein. Leiloadada em 2015 pela Sotheby’s de NY. Esta já está abaixo das centenas de milhões. Várias outras obras são vendidas abaixo da centena preenchendo a casa das dezenas de milhões de dólares, isto não é de modo algum, desprezível, ao contrário é um grande mercado, só não o tomei aqui como tema, pois a casa das centenas é mais rara e mais assustadora...



Várias obras ultrapassam a centena de milhões, tendo sido feitas por artistas do passado ou do presente, originárias de lugares e períodos diferentes. Parece não haver um padrão para a supervalorização. Tudo indica que é uma compra de “ocasião”, depende de quem leiloa e quem, naquele evento, quer mostrar seu poder econômico. Nesse sentido o critério é especulativo e não material ou artístico. Não há parâmetros de análise que possam indicar qual, de quem e quando uma obra vai ultrapassar as barreiras milionárias, tudo é uma questão de oportunidade.

Quem provoca essas situações exorbitantes são as casas leiloeiras mais famosas do mundo que se dedicam a colocar à disposição do mercado obras que podem ser elevadas ao nível astronômico de valores e deixar seus investidores/especuladores muito satisfeitos. Tanto aqueles que vendem quanto os que compram. Uma obra vendida por uma centena de milhões de dólares pode, na próxima vez que for colocada em leilão, atingir o dobro ou mais. Esse é grande “segredo” dos multimilionários capitalistas: ganhar sempre.

A obra “Rabbit”, de 1986, de *Jeff Koons*, atingiu o valor de noventa e um milhões de dólares em leilão. Este é um artista contemporâneo. Um dos maiores valores pagos a uma obra de um artista “vivo”. Note-se, na listagem apresentada, que a maioria dos artistas já morreram. Esta é uma característica desse tipo de mercantilização: investir em obras de artistas com a certeza de que não inflacionarão o mercado. O caso de Koons, é uma exceção, embora a obra já não pertencesse a ele e sim a um espólio, logo estava no mercado secundário...



Damien Hirst, realizou, em 2017, a mega exposição: “*Treasures from the Wreck of the Unbelievable*” no Palazzo Grassi e no Punta della Dogana, em Veneza. Estima-se que seu investimento superou o milhão de dólares e que recuperou mais que o dobro disso em vendas. Esse também é um caso atípico nesse ambiente pois, além de artista vivo, ainda dispensou marchands, galerias e casas leiloeiras, atuando exclusivamente no mercado primário. Um caso à parte. Ao lado obras do evento.



Para o Mercado de Arte, independente de quem é o artista, quando ou onde viveu, haverá sempre uma tentativa de extrapolar valores, de ir além da materialidade ou da subjetividade da obra em benefício do mercado. Muitas dessas obras não retornam mais ao convívio social, permanecem em coleções particulares restritas e longe do público. Algumas acondicionadas e armazenadas em locais esperando o momento de voltar aos leilões e reciclar os milhões investidos.

Não se pode também ignorar que uma boa parte desse mercado é usado como meio de legalizar fortunas ou obter benefícios de incentivos fiscais. Um dos grandes problemas desse mercado é que os sistemas de valores não são mensuráveis ou previsíveis, portanto não há como estabelecer valores definitivos para cada uma dessas obras, logo, cabe aos avaliadores do sistema criarem meios ou parâmetros para aferir se uma obra é compatível ou não com o que foi investido, mas nem sempre se chegará a uma solução equânime.

Não há muito o que dizer em relação ao “Efeito Milionarizante” que o mercado especulativo provoca em relação às Obras de Arte.

Como distingui os dois níveis de mercado: primário e secundário, este tipo de especulação poderia ser considerado como um terceiro nível já que não se configura apenas como Mercado de Arte, mas de bens diversos no qual entram bens de toda ordem e não só Obras de Arte. Isto manteria ainda a ideia de que o mercado secundário seria um lugar razoável para a comercialização de Obras de Arte.

O mercado secundário manteria a possibilidade dos Marchands, Galerias e instituições de promoção e difusão artística como museus e galerias públicas, que se dedicam ao conhecimento e à cultura, não se misturem na especulação financeira. Seria um modo de manter uma certa ética nesse estágio em que a comercialização, formação e manutenção de coleções é uma necessidade para que os artistas e instituições na continuidade de suas funções culturais, mesmo no sistema capitalista. Não se pode dizer o sistema especulativo tenha regras, mas quando tem as quebra.



A imagem acima é a fachada do “Porto Franco” em Genebra na Suíça. Estes portos são zonas de isenção aduaneira, ou seja, não recolhem impostos sobre o que está ali depositado, em geral Obras de Arte, Antiguidades e outros bens de alto valor financeiro.

Segundo a revista especializada “Connaissances des Arts”, o porto livre de Genebra reunia, em 2013, cerca de 1.2 milhão de obras de arte. Imaginem este número multiplicado por milhões de dólares, pois muitas obras atingem, como se viu aqui, valores estratosféricos.

Enquanto as obras estão nestes “portos seguros” não são taxadas, apenas quando retiradas para vendas ou outras transações. Contudo para a dúvida se podem trocar de mãos enquanto depositadas... O que se sabe é que tais armazéns protegem os proprietários de qualquer risco.

Com tudo o que disse até agora, penso ser possível aventar a hipótese de que há, neste momento, um Mercado Terciário: especulativo e virtualizado em processo de desenvolvimento que inclui as NFTs. Digo isto pois este fenômeno se distingue radicalmente dos Mercados Primários e Secundários, embora esteja amparado e seja nutrido por ambos. O caso da transformação de Obras de Arte em moeda digital instaura um novo nicho que, antes das rede mundial de computadores, não existia.

Os exemplos que usei antes, do Picasso Queimado e agora do Picasso convertido em NFT definem este Mercado Terciário que tanto pode se apropriar de obras físicas e virtualizá-las ou destruí-las para convertê-las exclusivamente em códigos alfanuméricos, virtualizando-as por completo. É uma tendência contemporânea e como tal não pode ser ignorada já que o mercado não leva em consideração valores imateriais, históricos, artísticos, humanos ou sociais, apenas financeiro.

Um dos fatores negativos do sistema especulativo capitalista é que, na medida em que supervaloriza algumas obras, reduz a possibilidade de que mais obras possam ser negociadas. Como exemplo pode-se imaginar que um investidor, ao invés de adquirir uma só obra pelo valor exorbitante de centenas de milhão, poderia adquirir muitas outras por dezenas de milhão ou mais ainda por unidades de milhão ou, “apenas”, milhares. Assim estariam auxiliando o fluxo do mercado sem criar bolhas tão infladas que absorvem todo o ar em volta e asfixia muitos.

Como se viu, grande parte das Obras de Arte adquiridas por especulação passam a fazer parte de coleções particulares ou são simplesmente armazenadas em locais protegidos de acidentes e incidentes por seguros também milionários de tal modo que só voltam a serem vistas em novos leilões. Se algumas destas obras de perderem, como aconteceu recentemente, os proprietários serão ressarcidos, portanto, o mercado nunca perde, quem perde é a cultura.

Bem, quem está na cultura já se habituou a lutar contra a adversidade e pela sobrevivência. Uma nação sem memória, sem história e sem cultura se torna vítima de si mesma e assim perde sua autonomia e identidade cultural, portanto, nada de novo sob o sol. Um dos grandes problemas é justamente a fragilidade da educação que, por não ser suficiente para formar uma base de conhecimento sólida que inclua além dos elementos essenciais do campo da ciência e da cultura também a capacidade de reconhecer e formar a cidadania.

Mazelas à parte é necessário continuar trabalhando em busca do conhecimento pois é o compartilhamento do saber que pode alterar alguma coisa no sistema econômico e político.

Defender a cultura quando não se garante trabalho nem amparo à saúde e à educação é quase utópico, mas não ter utopias é perder a esperança pois:

Na Arte nada se perde, tudo se cria e tudo se transforma.